

### AS CABECEIRAS DO ORENOCO E A FRONTEIRA BRASILEIRO-VENEZUELANA

Artur César Ferreira Reis

**História geográfica da América** A história geográfica da América, quando um dia fôr escrita nos seus detalhes, há de constituir um dos capítulos mais saborosos da crônica do Novo Mundo, pela dramaticidade de que se reveste, pela heroicidade que acompanhou as expedições que a fizeram com a respectiva atividade desbravadora, pelo exótico de muitos de seus aspectos, pelo sensacional de suas características, pela abundância de novidades que a distinguem em tôdas as suas páginas

Iniciada pelos primeiros contactos de COLOMBO e sua gente com o mundo antilhano, verdadeira cabeça de ponte para as terras e águas continentais, continuada com a penetração ousada e milagrosa dos conquistadores e dos missionários, dos "Peregrinos", dos bandeirantes, dos "courrières des bois", dos coletores de drogas, dos soldados das tropas enviadas às guerras contra o gentio que procurava barrar o passo aos colonizadores europeus, divulgada com certo sensacionalismo pelas expedições científicas que subiram rios, montanhas, identificaram lagos, vales, grupos nativos, espécies vegetais e animais, culturas primitivas, materiais arqueológicos, a caracterização geográfica das Américas, é certo, ainda não terminou, mas já possibilita afirmações interessantes e conclusões que não mais possuem apenas uma pinta de pitoresco

**Expedições científicas** Nos séculos XVIII e XIX, essas expedições desenvolveram uma atividade verdadeiramente notável. LA CON-DAMINE, JORGE JUAN Y ULLOA, HUMBOLDT, ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, CALDAS, MUTIS, FÉLIX DE AZARA, AGASSIZ, BATES, WALLACE, de olhos bem abertos, com um sentido objetivo sôbre tudo quanto encontravam nas selvas sul-americanas, procuraram desvendar todos os mistérios que envolviam a natureza física e humana dessas zonas, que uma literatura apressada indicava como "potosis", "eldorados" infinitos

Passara a época das negativas sôbre os povos que tinham chegado para o grande banquete da divisão dos espaços do Novo Mundo. Estava-se agora na hora da organização das novas pátrias, saídas dos territórios coloniais, e do seu estudo mais pormenorizado e menos romântico que permitisse a utilização das energias que a terra oferecia. Com a finalidade científica, a preocupação pragmática que, evidentemente, não podia ser posta de parte, mesmo porque toda indagação científica que não tenda para um benefício à coletividade, e êsses benefícios não podem deixar de ser pragmáticos, é indagação infrutífera, passatempo condenável de *diletantis* e desperdiçadores de tempo. Era preciso conhecer a América para que ela, com os espaços que possuía, com as riquezas que guardava, com as possibilidades que oferecia, proporcionasse agasalho às multidões que a procuravam de toda parte, e felicidade aos seus próprios filhos

As expedições científicas que se tiraram a êsse desideratum não conheceriam dificuldades para recuar, não desobedeceram um instante os objetivos que as levavam a paragens que, muitas delas, pela primeira vez eram atingidas pelo homem civilizado ou não nativo. Bem aparelhadas, dispoendo de elementos materiais que lhes garantiam certo êxito, providas dos recursos que os meios científicos da Europa ou do próprio continente proporcionaram sem reservas, trabalharam incessantemente, produzindo de molde a fazer revoluções nos conhecimentos que se possuíam e eram tidos como pontos assentes, verdades incontestes. Essas expedições, cheias de benemerências, reconstituíram a geografia americana em muitos de seus capítulos mais importantes.

Embora, não conseguiram totalizar a verdade, deixando, como não podia deixar de ser, trechos imensos das terras e das águas, principalmente sul-americanas, por examinar e reconhecer. Muitas dessas expedições, é preciso que constatem, apesar de todo o equipamento de que iam servidas, falharam, ou produziram resultados insignificantes, se formos examinar os rendimentos que delas se esperavam, ou se formos comparar êsses rendimentos com os de outras "partidas" de sábios internados no coração da Sul-América. Embaraços criados pela própria natureza das regiões onde trabalhavam foram os responsáveis por êsses rendimentos precários. Hostilidades de bandos indígenas, enfermidades violentas locais foram outros problemas graves que devem ser indicados como fatores diretos dos fracassos, que, nem por isso, já sabemos, prejudicaram assim tão fundamentalmente o conhecimento geográfico sulamericano.

### A contribuição brasileira

No particular ao Brasil, a contribuição dos homens de ciência, vindos da Europa e dos Estados Unidos, tem sido preciosíssima. A contribuição brasileira, de que pouco se há falado até agora, não é, todavia, menos notável. Realizada sem a espetaculosidade das comunicações aos grandes centros europeus ou norte-americanos de ciência aplicada, às academias de fama universal, desservidas da literatura dos tomos ora artísticos, ora bojudos, sempre fartamente ilustrados e amplamente divulgados, tem dado nomes e obras que ninguém, em sã consciência, pode desprezar. Para não nos afastarmos do vale amazônico, bastará referir o que, isoladamente ou integrando comissões nomeadas pelo Governô brasileiro, produziram BARBOSA RODRIGUES, FRANCISCO PARAIBUNA DOS REIS, DOMINGOS SOARES FERREIRA PENA, ANTÔNIO GONÇALVES TOCANTINS, general DIONÍSIO CERQUEIRA, barão DE TEFÉ, MANUEL LUÍS DE MELO NUNES, EUCLIDES DA CUNHA, FRANCISCO XAVIER LOPES DE ARAÚJO, barão DE LADÁRIO, SILVA COUTINHO, AUGUSTO DA CUNHA GOMES, almirante FERREIRA DA SILVA, LUÍS CRULS, GLYCON DE PAIVA, AVELINO INÁCIO DE OLIVEIRA, general RONDON, mais umas duas dezenas de oficiais do exército e da marinha, geólogos, zoólogos, botânicos, etnólogos, astrônomos, cartógrafos, que já examinaram a Amazônia brasileira logrando a coleta de um material imenso que vem sendo balanceado serenamente e ainda não faz muito, foi objeto de monografias bem nutridas do professor MELO LEITÃO. A contribuição brasileira, é de meditar-se pelo que acabamos de afirmar, evidentemente assume as proporções de uma contribuição apreciável que já trouxe novidades interessantíssimas à revelação geográfica do continente.

### O reconhecimento das fronteiras

Na atualidade, um dos serviços que tem prestado maiores benefícios à revolução geográfica continental como contribuição brasileira, é o que está a cargo da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — 1ª Divisão, orientada e dirigida pelo capitão de mar e guerra BRÁS DIAS DE AGUIAR, sertanista consumado e um dos brasileiros cuja soma de serviços a sua pátria lhe conferem títulos ainda há bem pouco tempo proporcionados por S. Excia. o Sr. Presidente GETÚLIO VARGAS.

Operando num setor que desafiava a pertinácia dos exploradores desde o século XVIII, quando lá estiveram várias comissões de limites, organizadas pelos governos de Espanha e Portugal para demarcação de suas fronteiras naquelas extremidades de seus domínios, a Comissão Brasileira, que juntamente com as partidas inglesa e venezuelana, realiza o balizamento daquela fronteira norte do Brasil, tem reconhecido rios, montanhas, vales, identificado tribos, estudado enfim os mil aspectos que perfilam a região. Uma carta nova, em consequência, está sendo elaborada pelos serviços das turmas brasileiras, porque para atingir o campo das operações, essas turmas têm de penetrar rios e sítios onde, até bem pouco, só o gentio penetrava e acampava. E penetrando esses rios, estudar-lhes os cursos, levantando-lhes a carta, dominando-lhes as particularidades. Como decorrência, todo um mundo novo vai se revelando numa obra silenciosa, de frutos os mais notáveis e beneméritos.

Cabe aqui, mesmo de passagem, registrar que a Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, criada em 1929, nesse seu afã incessante já conquistou para o campo da ciência os cursos dos rios Jari, Trombetas, Mapuera, Irepecuru e seus formadores Paru de Oeste e Marapi, do Surumu, Majari e seu afluente Pacu, do Surubai, Mucajai, Catrimani, Demeni, e seus afluentes Toototobi, Mapulau e Mariduu, do Aracá e do Paduari. E sobre esses seus trabalhos está divulgando memoráveis monografias para trazê-los ao conhecimento do mundo científico, tendo em preparo, no momento, um amplo documentário, em 10 volumes, registrando toda a atividade que, desde o ciclo colonial, se vem desenvolvendo na Amazônia brasileira para assinalar-lhe definitivamente a fronteira, conseqüentemente descrevendo a tarefa ingente de que vem resultando uma integração perfeita da região à geografia continental pelo esforço dos demarcadores de limites e pela atuação de outras comissões técnicas brasileiras.

### O Orenoco e o problema de seu curso

Se as nascentes do Amazonas por muito tempo constituíram um pratinho delicioso que desafiou os exploradores dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, não menos delicioso tem sido o pratinho das cabeceiras do Orenoco. Curso fluvial dos de maior significação geográfica no mundo, reconhecido seu delta nos primeiros dias da façanha náutica dos espanhóis que percorriam o litoral sul-americano, a importância política e econômica que de pronto evidenciou nem por isso foi suficiente para que os homens da conquista, como posteriormente as turmas de exploradores que lhe percorreram as águas, desvendassem os mistérios que as envolviam.

As suas margens viviam povos selvagens que dificultavam a ocupação de suas melhores extensões. Missionários franciscanos e jesuitas, desde o século XVII, porfiavam em amansar essas tribos. Muitas delas, é certo, cederam em sua hostilidade. Os Caraíba, por véses instigados pelos holandeses, criavam, todavia,

embaraços que trouxeram para essas ordens religiosas novos mártires. As tentativas civis, das autoridades da Guiana, por sua vez também falhavam

Já no século XVIII essa situação começou a modificar-se. Entre outros, o padre GUMILA S. J. missionário e homem de visada segura, inteligência pragmática admirável, conseguiu êxito notáveis sobre os bandos nativos. O curso do Orenoco foi então percorrido extensamente, aproximando-se os catequistas da fronteira com as possessões portuguesas situadas no vale do rio Negro. O padre MANUEL ROMÃO, superior das missões inacianas, numa de suas subidas pelo rio, veio dar no Cassiquari, onde encontrou o sertanista brasileiro FRANCISCO XAVIER DE MORAIS, que realizava mais uma de suas entradas. Ano de 1744. Admirou-se o padre da presença do sertanista. E comunicou-lhe as notícias que colhera sobre a região molhada que andavam percorrendo, do sertanista recebendo as que êle coletara no decurso de suas penetrações

Essas notícias, aumentadas pelo que o gentio proporcionou e os próprios missionários foram verificando em suas excursões a serviço de Deus, dos homens e da própria ciência a que serviam com os melhores propósitos, permitiu ao padre GUMILA o seu famoso livro *O Orenoco Ilustrado*, editado em Espanha no ano de 1743. Nesse livro, o jesuíta fez geografia humana, fez geografia física, como elas podiam ser feitas. Geografia objetiva, pelo contacto que religioso tinha com o ambiente e pela observação poderosa de que dispunha e lhe granjeou uma posição especialíssima entre os grandes nomes reveladores da formação americana

Numa linguagem pitoresca, abundância de informações, o padre GUMILA antecedeu-se a LUDVIG, porque o seu livro é a biografia de um grande rio, feita com uma penetração aguda e o sentido do valor da terra e das águas. Partindo dos mistérios de que lhe falava o gentio às realidades que examinou e constatou, riscou um retrato forte, impressivo, como EMIL LUDVIG, mais tarde, dois séculos mais tarde, pôde fazer sobre o Nilo. Mais feliz, nesse particular, o Orenoco, sua biografia no-lo mostra num tom colorido magnífico, capaz de movimentar a curiosidade dos homens do século XVIII

**O problema das fontes** Sobre as nascentes do rio, porém, nada de positivo. O padre GUMILA teve de falhar. As tarefas das comissões de limites espanholas, apesar do esforço que ninguém lhes nega, para saber exatamente a potamografia da fronteira com os territórios portugueses, presentemente brasileiros, no norte, não deram em resultado o encontro das nascentes do Orenoco. Os trabalhos de exploradores que no século XIX se abalançaram ao grande empreendimento não foram mais felizes. O francês JUAN CHAFFANJON, em 1886, após ter atravessado "o caudal Guaharibo, a oeste do povoado de Esmeralda", logrou chegar a uns 90 quilômetros do ponto em que se imaginava que estariam as procuradas nascentes

Já no presente século, HAMILTON RICE, explorador norte-americano, trazendo um equipamento que autorizava grandes sucessos, tentou conseguir o ambicionado êxito. Seus trabalhos, utilíssimos, não lograram êxito nesse particular. As nascentes do Orenoco continuavam envoltas em dúvidas. Dizia-se que elas estavam nas fraldas do Lesseps. Adiantava-se mesmo que talvez elas envolvessem as fraldas do pico Ninguém até então as tinha atingido. Todo o noticiário, evidentemente, perdia-se em conjecturas e nunca em verificações diretas, firmes, autênticas. Quando se desvendaria o mistério?

**A esfinge começa a ser decifrada** A demarcação da fronteira Brasil-Venezuela, assentada no tratado de 5 de maio de 1859, firmado entre as duas nações, sem ter uma preocupação direta ou imediata com o problema das cabeceiras do Orenoco, levou, contudo a ciência geográfica sul-americana a possuir a solução dêle. Como?

No período entre 1939 e 1943, as turmas brasileiras e venezuelanas, encarregadas dos trabalhos de demarcação aproximaram-se de águas venezuelanas que elas foram identificando como sendo águas das fontes do Orenoco. Águas atingidas por vários pontos, e de tal maneira que bem se pode afirmar que essas turmas avançaram em forma de leque, ou pinça, cada uma voltando de campo com a quase certeza de que estivera nas cercanias dêste ou daquele manadeiro do grande rio.

A primeira turma atingiu essas águas em 1939-40. A segunda, em 1941; a terceira, em 1942; a quarta, em 1943.

A primeira turma serviu-se de um monopiano metálico Hamilton, equipado com motor Pratt & Whitney Wasp, de 525 cavalos de força e 190 quilômetros de velocidade horária, capacidade de carga de 500 quilos. Partindo, a 10 de dezembro de 1939, do Canaracuni, onde estavam acampados, o Dr. LUÍS DE SOUSA MARTINS,

brasileiro, e Sr FÉLIX CARDONA, venezuelano, dirigiram-se ao ponto que se dizia constituir uma das nascentes do Orenoco. Seria real a indicação? Ouçamos o Dr LUÍS MARTINS

“A 10 de dezembro, em companhia do técnico da Aeropostal Venezuelana Sr CIRILO AUZEAU e do explorador CARDONA, saí de Canaracuni com o fim de identificar as nascentes do rio Orenoco íamos sob o rumo magnético de 185°

“Após 197 quilômetros de vôo nessa direção, nos encontramos sôbre uma região constituída de pequenas savanas e de altas montanhas (aproximadamente 1 000 metros)

“A fisionomia do terreno coincidiu com as informações que o explorador CARDONA havia colhido de índios conhecedores da região

“O aparelho baixou muito, voando em círculo e inclinando-se de um ângulo suficiente para permitir o reconhecimento do terreno e o apanhado de vistas fotográficas do mesmo

“Estávamos a tal altura do solo que podíamos perfeitamente ver qualquer tronco de árvore que sôbre êle estivesse deitado

“Divizamos vários igarapés saindo das chanfraduras das montanhas. As águas desses pequeninos braços eram coletadas por um braço maior que atravessa uma savana ligeiramente inclinada, e se dirige para NO

“Em tôrno e num raio de mais de trinta quilômetros, notam-se montanhas parcialmente despidas de vegetação, algumas deixando a nu uma encosta constituída de rocha e argila vermelha

“Existem caminhos atravessando a savana, e pudemos ver claramente áreas de mata tombada pelos índios para as suas plantações

“Tudo isso que observamos nos conduziu à evidência de que a região das nascentes do Orenoco, cuja posição geográfica aproximada é latitude 2°44' norte e longitude 64°16' O GW, é habitada por numerosos índios

“Não vimos casas, mas a só existência de caminhos e campos de cultura nos assegura a presença deles”

A segunda e terceira turmas, chefiadas pelo ajudante técnico brasileiro Dr LEÔNIDAS DE OLIVEIRA, subindo o Demeñi para identificar-lhe as nascentes, e explorar as águas da vertente oposta que pertencem à bacia do Orenoco, por meio de levantamentos topográficos determinou vários pontos molhados integrantes das mencionadas bacias. Todos êsses cursos d'água da contravertente do Orenoco, como mais tarde ficou positivamente verificado, pertencem às nascentes desse rio venezuelano. São igarapés em quantidade mais ou menos vultosa e de regular largura e profundidade, com águas que aos pouco se iam reunindo, como é da sistemática potamográfica da região, para, engrossadas compor os manadeiros mais extensos que explicam a formação da bacia do Orenoco

Ainda em 1942, o ajudante técnico brasileiro RUBENS NÉLSON ALVES, chegando às nascentes do Catrimani, constatou o divisor de águas das bacias Amazonas-Orenoco, nêle chantando um marco de fronteira

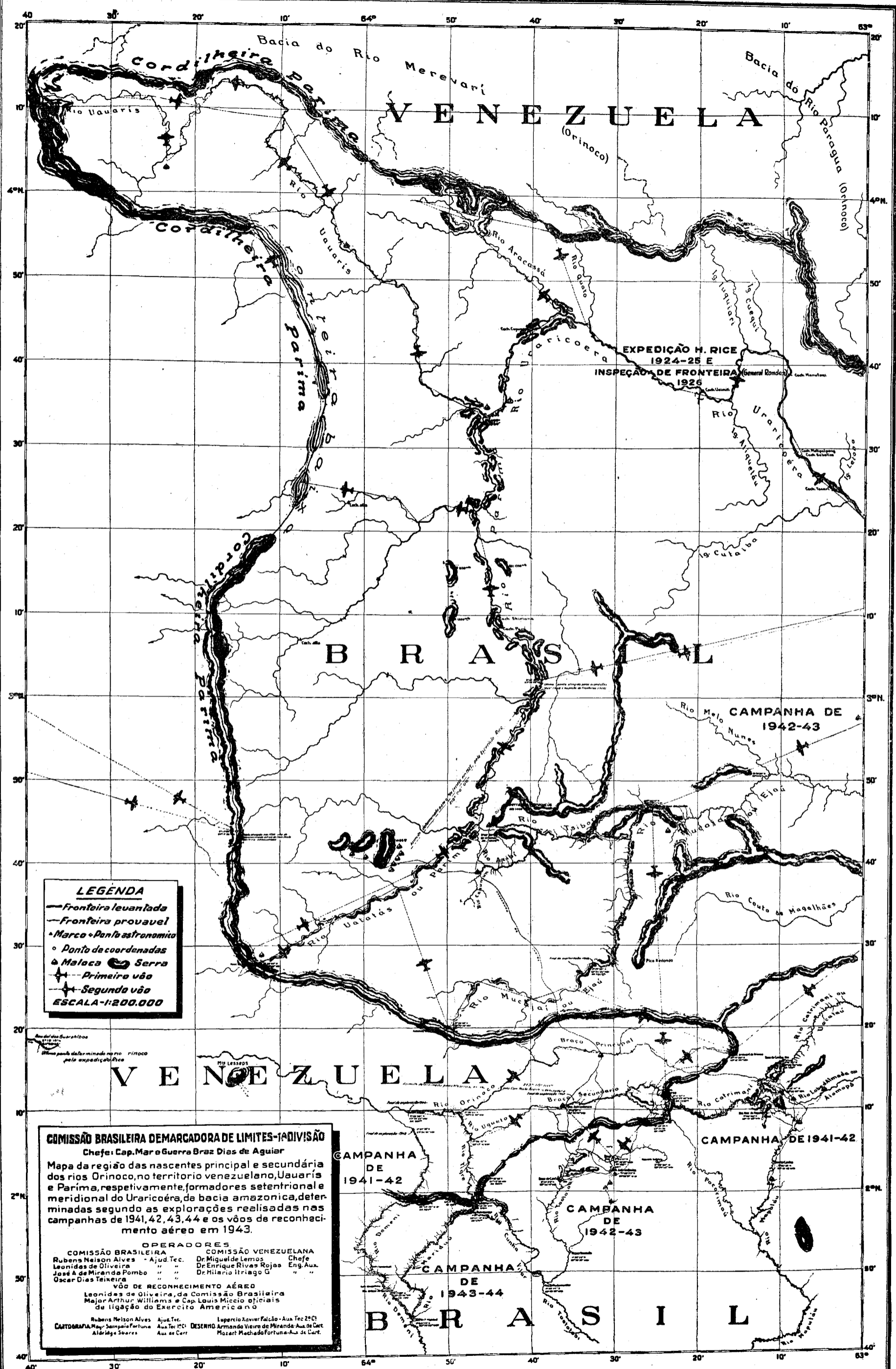
### Finalmente, as cabeceiras do Orenoco

Em fins de 1943, essas verificações preliminares, de que estava decorrendo na conclusão de que se haviam encontrado os manadeiros do Orenoco, ficaram de vez encerradas. Foi ainda o ajudante técnico brasileiro LEÔNIDAS DE OLIVEIRA quem teve a glória, por parte do Brasil, de fazer a verificação que podemos considerar de final, sobrevoando a região e averiguando que as indicações anteriores não deviam sofrer qualquer restrição. O mistério das cabeceiras do Orenoco positivamente estava desvendado

Numa carta endereçada ao ajudante técnico brasileiro RUBENS NÉLSON ALVES, o major ARTUR JAMES WILLIAMS, aviador do Serviço Oficial de Ligação Americana em Atkinson, na Guiana Britânica, em fins de outubro de 1943 solicitara à Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — 1ª Divisão, a presença de um técnico da mesma entidade para o fim de acompanhá-lo nos trabalhos de explorações aéreas que projetava realizar sôbre as cabeceiras dos cursos fluviais brasileiros, contravertentes do Orenoco e sôbre êsse mesmo rio

O Sr comandante BRÁS DIAS DE AGUIAR, compreendendo a importância da solicitação, que possibilitaria facilidades às tarefas posteriores das turmas brasileiras e venezuelanas, empenhadas na determinação local dos contêrminos das duas pátrias, de pronto aceitou o convite, pondo à disposição do major WILLIAMS o ajudante técnico Dr. LEÔNIDAS DE OLIVEIRA

Credenciado por uma folha de serviços preciosos à Comissão e sendo, demais, no momento, o funcionário especializado que podia estar presente aos vôos, o ajudante técnico, Dr LEÔNIDAS DE OLIVEIRA, imediatamente se transportou para



**LEGENDA**

- Fronteira levantada
- Fronteira provável
- Marco - Ponto astronômico
- Ponto de coordenadas
- ▲ Maloca
- ⊕ Serra
- ✈ Primeiro vôo
- ✈ Segundo vôo

**ESCALA - 1:200.000**

**COMISSÃO BRASILEIRA DEMARCADORA DE LIMITES-INDIVISÃO**  
 Chefe: Cap. Manoel Guerra Braz Dias de Aguiar

Mapa da região das nascentes principal e secundária dos rios Orinoco, no território venezuelano, Uauarís e Parima, respectivamente, formadores setentrional e meridional do Urucóera, da bacia amazônica, determinadas segundo as explorações realizadas nas campanhas de 1941, 42, 43, 44 e os vôos de reconhecimento aéreo em 1943.

<b>OPERADORES</b>		<b>COMISSÃO VENEZUELANA</b>	
Rubens Nelson Alves - Ajud. Tec.	Dr. Miguel de Lemos - Chefe	Dr. Enrique Rivas Rojas - Eng. Aux.	
Leonides de Oliveira - " "	Dr. Hilario Itriago G. - " "		
José A. de Miranda Pombo - " "			
Oscar Dias Teixeira - " "			

**VÔO DE RECONHECIMENTO AÉREO**  
 Leonides de Oliveira da Comissão Brasileira  
 Major Arthur Williams e Cap. Louis Miccio oficiais de ligação do Exército Americano

Rubens Nelson Alves - Ajud. Tec.	Esperidio Xavier Falcão - Aux. Tec. 2ª Cl.
CARTOGRAFIA: Major Sampaio Fortuna - Aux. de Cart.	DESENHO: Armando Vieira de Miranda - Aux. de Cart.
Albino de Souza - Aux. de Cart.	Mozart Machado Fortuna - Aux. de Cart.

Atkinson Field, em avião do Serviço de Transporte do Exército Norte Americano. Ia começar o grande cometimento científico. De novembro a dezembro de 1943, foram realizadas as viagens de exploração. Todos os objetivos visados ficaram cobertos. Os pontos anteriormente assinalados pela Comissão Brasileiro-Venezuelana foram verificados. Os trabalhos decorreram, finalmente, dentro de um ambiente de ótima cordialidade, produzindo os efeitos sensacionais da constatação definitiva de acidentes fisiográficos interessando as duas bacias e a fronteira entre o Brasil e a Venezuela.

Ouçamos, porém, o ajudante-técnico Dr. LEÔNIDAS DE OLIVEIRA, no descritivo natural que nos possibilitou a presente notícia para os leitores da REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA.

**A fronteira brasileiro-venezuelana** Jornais brasileiros reproduziram, em 18 de fevereiro último, um telegrama da agência Reuters, transmitido de Georgetown, em que se asseverava haverem aviadores militares norte-americanos verificado a necessidade de ser alterada para leste a linha divisória na cordilheira que constitui a bacia dos rios Amazonas e Orenoco, modificação esta que afetaria uma zona de cerca de 2 500 quilômetros quadrados e com a qual "a Venezuela e o Brasil ganhariam e perderiam algum território".

Tal despacho motivou diversos pronunciamentos, todos êles estampados em nossos diários, um dos quais, com estranha impropriedade, apressou-se em lembrar a conveniência de uma "arbitragem" para a solução da imposta questão.

Ora, a fronteira brasileiro-venezuelana, naquela altura, é sempre a mesma, isto é, divisor de águas, e nada há que dirimir. Trata-se de fronteira nunca levantada. Os mapas é que serão passíveis — quem sabe — de sofrer alteração.

Foi pensando assim que procuramos ouvir a êsse respeito o capitão de mar e guerra BRÁS DIAS DE AGUIAR, chefe da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — 1.ª Divisão, conhecido técnico cujas funções o indicavam como pessoa mais autorizada a uma pronúnciação.

O comandante BRÁS DIAS DE AGUIAR já havia enviado a tal propósito um longo ofício ao Ministério das Relações Exteriores, de modo que recorremos à "Divisão de Fronteiras" da mesma Secretaria de Estado, cujo chefe nos facilitou os seguintes esclarecimentos daquele técnico, esclarecimentos que elucidam e encerram definitivamente a momentosa e delicada questão:

"Desde o ano de 1940 que a Comissão Mista Brasileiro-Venezuelana vem executando trabalhos técnicos de grande amplitude na imensa região drenada pelos rios Mucajaí e Catrimani, afluentes da margem direita do rio Branco e pelos rios Demeni e Padauri, afluentes da margem esquerda do rio Negro, com o fim de localizar a fronteira entre os dois países, que aí corre ajustada ao divisor de águas Amazonas-Orenoco.

"A Comissão Demarcadora não se tem limitado às explorações estritamente necessárias para determinar a posição daquele divisor de águas e executar o levantamento topográfico da fronteira própria dita: tem ampliado os seus trabalhos de exploração, tanto quanto possível, visando enriquecer as cartas geográficas das regiões onde vem exercendo sua atividade.

"É de notar, ainda, que os trabalhos de reconhecimento e exploração se estendem à vertente venezuelana, para que a Comissão possa ter certeza quanto à locação da linha de fronteira. Dêsse modo um grande número de rios pertencentes à bacia do Orenoco tiveram as suas secções superiores levantadas.

"Pela primeira vez foram feitos os levantamentos dos rios Mucajaí, Catrimani e Demeni até as suas origens e determinadas as coordenadas astronômicas de suas nascentes. Também foram levantados os rios Mapulau e Toototobi afluentes do Demeni, na secção superior.

"Presentemente a Comissão Mista Demarcadora está com duas turmas no campo. Uma operando na serra de Parima, na região das proximidades das nascentes do rio Mariduu, afluente da margem esquerda do Demeni; outra subindo o rio Padauri, depois de ter terminado os trabalhos na serra Tapirapecó, região das cabeceiras do Marari, afluente daquele, onde construiu um marco fronteiriço.

"As águas convergentes do Mucajaí, Catrimani e afluentes da margem esquerda do Demeni parecem ser formadoras do braço principal do rio Orenoco. O problema, porém é muito difícil de resolver, por ser um emaranhado de rios das duas bacias e a região muito montanhosa.

"Em fins de outubro do ano findo chegou à Comissão uma carta do major ARTUR JAMES WILLIAMS, aviador do Exército norte-americano, do Serviço Oficial de Ligação Americana, em Atkinson Field, na Guiana-Britânica, convidando

um engenheiro da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, para o acompanhar nos serviços de exploração aérea que tencionava levar a efeito na região das nascentes dos rios brasileiros, contravertentes principais do Orenoco e também neste último rio

O aviador WILLIAMS já era muito conhecido de todos os membros da Comissão Demarcadora pelos inestimáveis serviços que havia prestado à Comissão Britânica durante os trabalhos de demarcação da nossa fronteira com a Guiana-Britânica.

“O oferecimento daquele aviador vinha justamente satisfazer uma das grandes necessidades da Comissão, naquele momento, e poderia trazer um elemento de alto valor para orientação da expedição que então organizava para subir o rio Mariduu, afluente da margem esquerda do Demeni

“Para acompanhar aquelas explorações aéreas foi designado o ajudante técnico LEÔNIDAS DE OLIVEIRA, que seguiu para Atkinson Field, no dia 3 de novembro, em um avião do Serviço de Transporte do Exército Americano

“O ajudante técnico LEÔNIDAS DE OLIVEIRA era o mais indicado para desempenhar essa importante missão, porque fora ele o chefe da turma que, durante os anos de 1939 a 1942, fez o levantamento do rio Demeni, de seus afluentes Mapulau e Toototobi, assim como as explorações dos seus contravertentes, que parecem ser cabeceiras do galho principal do Orenoco

Os exploradores passaram-se de Atkinson Field para o campo de Boa Vista, na margem direita do rio Branco, o qual serviu de base para os vôos de reconhecimento

“Durante os meses de novembro e dezembro foram efetuados vários vôos de reconhecimento, cobrindo a região da serra de Parima, desde as cabeceiras do rio Auaris, formador do Uraricoera, até às do Demeni

“O ajudante técnico LEÔNIDAS DE OLIVEIRA foi o orientador das explorações e fez todo o levantamento aéreo da zona percorrida, pois aquela região já lhe era conhecida

“Terminados os vôos de reconhecimento o ajudante técnico LEÔNIDAS DE OLIVEIRA, regressou à sede da Comissão de Limites, em Belém, com o capitão MICCIO, do Exército americano, seu companheiro nas explorações feitas e que veio acompanhar a confecção dos desenhos definitivos dos trabalhos realizados, cujos croquis aquele engenheiro trazia e que seriam feitos pela secção competente de nossa Comissão

“O capitão Miccio trazia também a incumbência de colhêr, no escritório da Comissão de Limites, dados mais concretos sobre as diversas expedições que tentaram alcançar as cabeceiras dos rios Parima, Auaris e Orenoco, em anos anteriores

“Concluído o mapa da região, com os elementos trazidos pelo ajudante LEÔNIDAS DE OLIVEIRA e com os já determinados pelas explorações anteriores, foi remetida uma cópia ao major WILLIAMS que em carta ao chefe da Comissão de Limites, assim se expressou.

“Recebi uma cópia da carta que Vossa Senhoria tão gentilmente organizou para nós, e devo dizer que é simplesmente uma obra de arte. Este mapa eu o estou enviando ao Departamento da Guerra para que sejam extraídas reproduções. Rogo aceitar meus agradecimentos por esse belo trabalho e transmitir os meus cumprimentos ao Senhor FALCÃO e aos outros distintos membros de sua Comissão que colaboraram na preparação do mesmo”.

“O ajudante técnico LEÔNIDAS DE OLIVEIRA apresentou um pormenorizado relatório da missão de que fora incumbido e do qual lhe facilitei mais adiante uma cópia

“A Comissão Mista Brasileiro-Venezuelana Demarcadora de Limites prossegue neste momento no reconhecimento das águas contravertentes das bacias dos rios Demeni e Catrimani afim de verificar se se trata mesmo do braço principal do rio Orenoco, como tudo nos leva a crer. O ajudante técnico RUBENS ALVES, da Comissão Brasileira, está operando no rio Mariduu, enquanto o seu companheiro engenheiro HILÁRIO IRIAGO, da Comissão Venezuelana, está explorando a contravertente venezuelana

“Só depois de terminados os múltiplos trabalhos da Comissão Mista Demarcadora de Limites é que poderemos afirmar a que bacia pertencem as águas a que acima nos referimos

“Mas, para complemento do quanto acima deixo dito, transcrevo o relatório que me apresentou o Dr. LEÔNIDAS DE OLIVEIRA, que dá a conhecer pormenores realmente interessantes. Tal relatório é o seguinte.

“Em fins de outubro, quando ainda Vossa Senhoria se encontrava em Lima, no Peru, chegou às mãos do ajudante desta Comissão Sr.

RUBENS NÉLSON ALVES, uma carta do major ARTUR JAMES WILLIAMS, aviador do Serviço Oficial de Ligação Americana em Atkinson Field, na Guiana Britânica, na qual aquêle oficial solicitava a presença de um engenheiro da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, para o acompanhar nos serviços de explorações aéreas que tencionava levar a efeito nas nascentes dos rios brasileiros, contravertentes principais do Orenoco e também neste último rio

“O ajudante RUBENS aguardou a chegada de Vossa Senhoria a Belém, para que designasse o engenheiro que deveria acompanhar aquêle ilustre aviador americano

Em virtude de se tratar de um serviço de alta relevância para a Comissão de Limites, principalmente, tratando-se de explorações de rios que desejamos conhecer, para facilitar as futuras subidas das turmas que terão de operar naquela região em anos subsequentes, Vossa Senhoria não opôs o menor obstáculo e acatou com satisfação o pedido do major WILLIAMS, pondo-me à sua disposição

“A 3 de novembro segui para Atkinson Field em um avião do Serviço de Transporte do Exército Americano, o qual cobriu todo o percurso em quatro horas de vôo direito.

“A Base Aérea de Atkinson Field está a 26 milhas ao sul de Georgetown, e foi construída em um extenso planalto de solo silicoso lavado

“O terreno foi cedido pela Inglaterra, aos Estados Unidos, de acôrdo com a Lei de Empréstimos e Arrendamentos, pelo espaço de 99 anos

“O caráter permanente daquela base explica a formidável soma de quase dois milhões de dólares, despendidos pelo Governo norte-americano em sua construção. Ligando-a a Georgetown, Berbice e Demerara, foram abertas amplas estradas de rodagem. Destas, a que vai a Georgetown é a pior, porque o terreno pantanoso que margina o rio Demerara, por onde a mesma foi construída, apresenta-se encharcado e sujeito a inundações peridiólicas, principalmente na época das cheias. Apesar dos inconvenientes apontados, é esta estrada a que mais benefícios presta a Atkinson, porque desafoga o trânsito de passageiros nos navios que trafegam no Demerara entre a base e Georgetown, levando três horas no percurso

“Os navios, tipo dos nossos gaiolas, porém de dimensões mais reduzidas, são empregados quase que exclusivamente no transporte de carga

“A importante base de Atkinson está dividida em duas partes: numa estão os pavilhões destinados ao serviços de transportes aéreos, extensas pistas de aterrissagem, instalações de sinais luminosos, etc. Para o interior, e separado da pista dos aviões, um campo circular destina-se aos “Blimps” ou dirigíveis que patrulham diariamente a costa guianense

“Na outra parte, distante 4 quilômetros ao norte da primeira e a ela ligada por uma ótima estrada cimentada estão os pavilhões onde funcionam os escritórios da base, o do comando geral, amplos e confortáveis dormitórios para oficiais, sub-oficiais, praças e passageiros, um hospital bem aparelhado, higiênicos tanques de água potável, frigorífico, cozinhas ao lado de espaçosos salões de refeições, depósitos de gêneros alimentícios, clubes de diversões, campo de esportes, etc.

“Afastados dêsses pavilhões, estão outros destinados aos serviços de engenharia, oficinas para reparo de aviões, etc

“A estrada de rodagem, que saindo de Atkinson se dirige a Georgetown, atinge a margem direita do rio Demerara após dois quilômetros de percurso. A margem dêste rio está construído o cais onde encostam os vapôres que trafegam ao longo do trecho navegável do Demerara o qual não ultrapassa de cinqüenta quilômetros

“Pela estrada, até o limite da base, o trecho comentado continua, porém, dêste ponto em diante, as condições do tráfego se tornam péssimas. Aqui de um e outro lado da rodovia, civis erguem inúmeras casinhas tôscas nas quais moram os operários civis que trabalham em Atkinson, em número aproximado de três mil

“Quando cheguei à base o major WILLIAMS estava em Boa Vista do Rio Branco, de onde regressou trazendo um mapa dos vôos que havia efetuado nos rios Mucajái, Parimé, Majari, Uaricaá, Parima e Auaris. Este mapa apresentava grandes falhas, devido aquêle aviador não conhecer os pontos determinados, astronômicamente, perto da fronteira sobre os quais pudesse apoiar o seu levantamento aéreo



"Para todos êsses vôos, utilizou-se das coordenadas de Boa Vista, separada da fronteira pela distância mínima de 316 quilômetros. Este primeiro reconhecimento aéreo nos serviu em parte, principalmente no que se referia aos rios Parima, Mucajai e Auaris. Os outros rios já citados, já os havíamos levantado e determinado astromônicamente as suas nascentes e colocado marcos fronteiros, fato êste ignorado por aquêle distinto aviador.

"Os vôos efetuados em novembro foram ótimos sob o ponto de vista de exploração e durante os mesmos tivemos ocasião de fotografar pontos salientes da fronteira, trechos característicos dos rios, malocas e roçados dos índios. Tivemos também ensejo de verificar que as nascentes do rio Parima estavam cêrca de 60 quilômetros a sudoeste da cachoeira Purá, até então considerada como um dos degraus do Parima saindo de sua fonte principal na cordilheira de igual nome.

"Depois dêstes primeiros vôos de exploração um período de chuvas torrenciais impediu a continuação dos serviços durante quase um mês.

"Em dezembro, depois de alguns dias passados em Atkinson, retornamos novamente a Boa Vista do Rio Branco, porém, o mau tempo ainda nos prendeu por 6 dias antes de continuarmos com a segunda e última série de vôos.

"Desta vez tínhamos como objetivos principais os rios Orenoco, (venezuelano) Parima e Auaris, (brasileiros) êstes dois últimos formadores do Uraricoera.

"Os vôos que iamos efetuar foram cuidadosamente estudados, e desta vez com vantagens extraordinárias, porque iríamos sobrevoar pontos conhecidos pela Comissão Brasileira Demarcadora de Limites os quais iriam servir de referência aos nossos levantamentos aéreos.

"Os pontos a que nos referimos, são os sinais aero-fotogramétricos que aquela Comissão havia feito construir, tanto na fronteira como em suas proximidades, para servirem de apoio aos seus trabalhos de aerofotogrametria.

"Para que o avião pudesse conduzir a maior quantidade possível de gasolina, foi retirado do seu interior todo o material supérfluo, e cheios todos os seus depósitos. As 10 horas do dia 8, estando ultimados todos os preparativos, e o céu se apresentando claro e sem nuvens, levantamos vôo de Boa Vista rumo à base de canoas do rio Mucajai, levando como passageiros o major ARTUR JAMES WILLIAMS, o engenheiro brasileiro LEÔNIDAS DE OLIVEIRA, um motorista e um rádio-telegrafista, êstes dois últimos sargentos do Exército americano. O capitão Miccio que sempre fizera parte das comitivas, desta vez foi obrigado a ficar, cedendo seu pêsso ao da gasolina. O rio Mucajai foi alcançado em 30 minutos de vôo e depois seguido para montante até a sua base de canoas de latitude de 2° 48' 43" N. e longitude 63° 25' 24" W Gw. Este ponto cujas coordenadas foram determinadas pela Comissão de Limites, serviu de base para uma nova direção Mucajai-Catrimani.

"De fato, atingida a base de canoas, rumamos para o local do marco e sinal aerofotogramétrico das nascentes do rio Catrimani e ali estivemos procurando-o cêrca de cinco minutos sem contudo o encontrar.

"Levando em conta o tempo decorrido desde a sua construção julgávamos, ao menos, notar qualquer contraste entre o mato novo e a floresta virgem, porém nada vimos que o denunciasse.

"Fracassada esta nossa primeira tentativa, tomamos a direção do sinal construído nas proximidades das nascentes do rio Toototobi, afluente da margem esquerda do rio Demeni, da bacia do rio Negro e cujas coordenadas determinadas pelo próprio engenheiro que ali se encontrava em março de 1943, era 2° 04' 07" N e 63° 30' 07" longitude oeste de Gw.

"O percurso foi coberto em 10 minutos findos os quais e antes mesmo de vermos o sinal, foi identificada perfeitamente tôda a região, inclusive a maloca e roçados dos Uaicá onde já estivéramos eu e outros membros da Comissão Mista Brasileiro-Venezuelana. Ao nos aproximarmos, enxergamos um dos sinais auxiliares em forma de T, e depois o círculo onde se destacava nitidamente a coroa circular cavada.

"O major ARTUR WILLIAMS fêz duas evoluções sôbre o sinal principal e não escondeu sua grande satisfação por êsse tão valioso e importante trabalho da Comissão de Limites.

"Do sinal principal do rio Toototobi continuamos para outro ponto de coordenadas conhecidas o qual iria servir de início ao nosso

levantamento. Este ponto fôra determinado em um rio desconhecido pelo engenheiro da Comissão de Limites, LEÔNIDAS DE OLIVEIRA, em 18 de março de 1943, nas coordenadas astronômicas 2° 10' 22" norte e longitude 63° 36' 47" W. Gw e se caracterizava por ter em sua margem direita, uma maloca de índios, em cujo pôrto foram executadas as observações por aquêlê engenheiro

"O rio em questão era o principal objetivo de nossa exploração, naquele dia, porque até então estava o mesmo constituindo uma série de extraordinárias dúvidas, tôdas elas oriundas de informações fornecidas pelos índios ali encontrados pela Comissão de Limites, os quais fizeram crer tratar-se de um rio brasileiro — o Mariduu, — afluente do Demeni partencente à bacia do rio Negro

"A nossa exploração iria portanto se antecipar, em condições mais vantajosas a prestar informações concretas a uma turma da Comissão Mista Brasileiro-Venezuelana, que se dirigia àquela região a fim de verificar *in loco* o que os índios haviam asseverado

"Em cinco minutos de vôo atingimos o rio em questão e logo foi reconhecido o local da derrubada onde foram feitas as observações astronômicas em março de 1943, a maloca e os roçados dos índios ali domiciliados.

"O avião deu duas voltas sôbre a maloca e depois seguiu o rio para jusante fazendo o levantamento aéreo

"A principio o rio se dirigiu para SW e depois inflexionou para NW, direção esta que conservou até encontrar um grande braço, que vinha da direita mostrando, pela largura que apresentava na confluência, ser o galho principal do rio que passamos a percorrer para jusante cêra de vinte e cinco milhas

"Continuando, atingimos um ponto onde o mesmo media cêra de 40 metros de largura, bastante correntoso e semeado de cachoeiras, algumas de regular altura. O mesmo vale que avistamos na direção NW onde o rio corria, passando ao norte de três montes isolados, dos quais um, pelo formato arredondado que apresentava nos pareceu ser o monte Lesseps, nos deixou convictos de que o rio não era outro, senão o Orenoco

"Corroborando esta nossa opinião, podemos ainda asseverar que rio algum da bacia do Amazonas poderia atingir aquela região com tão grande volume d'água e principalmente correndo para oeste. Verificados mais tarde os mapas do Orenoco, quando da expedição Rice no território venezuelano, chegamos à conclusão de termos estado próximo de um ponto astronômicamente determinado por aquêlê explorador americano que marcou o término de sua arriscadíssima viagem na tentativa de atingir as nascentes daquele caudaloso rio venezuelano.

"Ao voltarmos com nosso levantamento aéreo tomamos o galho principal que foi seguido até a sua nascente na cordilheira Parima, numa altitude aproximada de 1 300 metros

"Determinada a fronteira seguimos sôbre a crista da divisória real até um certo ponto e depois passamos para as águas do rio Mucajai.

"O braço principal dêste, foi seguido até sua nascente e neste local identificamos o divisor de águas

"Para completar a nossa excursão naquele dia, restava-nos reconhecer as nascentes do rio Parima. Com efeito, tomamos a direção NW até atingirmos o rio que foi seguido e levantado até sua origem na cordilheira de igual nome

"Determinado mais êste ponto da fronteira seguimos um igarapé venezuelano que se desloca para o quadrante SW, em rumo do Orenoco.

"O rio Parima foi seguido em seus mínimos detalhes e seu levantamento aéreo executado até a cachoeira Purá de onde em 1925 a expedição HAMILTON RICE regresou de sua viagem ao Uraricoera, dizendo ter atingido a nascente do rio

"Acima da citada cachoeira, o Parima mede cêra de 20 metros e o seu desenvolvimento poligonal até a fronteira, calculamos em 80 quilômetros, podendo ainda ser navegável por canoas em um longo percurso. A cachoeira Purá é, sem dúvida, o principal entrave do Parima e em tôda sua extensão avallada em cinco quilômetros, as águas rolam com velocidade extraordinária entre escarpados paredões de serras que dificultam a passagem, mesmo por terra, de embarcações e carga.

"A fim de explorarmos melhor êste grande baluarte do Parima, o avião sobrevooou-o demoradamente e depois deu por finda a

jornada daquele dia, retornado a Boa Vista, onde chegamos às 16 horas

"Na manhã do dia 9 fizemos mais um vôo Desta vez levávamos como objetivo principal as nascentes do rio Auaris, um dos formadores do Uraricoera Partimos de Boa Vista às 10 horas, seguindo uma rota previamente estudada, para as explorações daquele dia

"Às 12 horas chegamos à cachoeira Purá onde havíamos estado na véspera e dela como ponto de apoio, passamos a seguir o rio Parima para jusante, procedendo ao seu levantamento Ao atingirmos um afluente grande da margem esquerda, tomamos a direção NW até cortarmos a fronteira em um trecho extraordinariamente baixo do divisor de águas

"Dêste como referência, exploramos os rios da direita que se dirigiam ao Parima e os da esquerda que corriam para o Orenoco. Duas nascentes que nos pareceram maiores, uma da direita e outra da esquerda, foram seguidas a uma distância aproximada de 15 quilômetros, e de onde regressamos não nos deixaram a menor dúvida sobre a bacia a que pertenciam

"Reconhecida com exatidão esta faixa de fronteira seguimos pela crista do divisor real até atingirmos as águas brasileiras que se dirigiam para o Auaris

"Um dos galhos que acompanhamos em toda a sua extensão nos conduziu ao rio principal pelo qual continuamos com o levantamento aéreo

"Infelizmente, quando já estávamos próximo das nascentes, e o rio, com cerca de 4 metros de largura, começava a desaparecer entre as árvores marginais, uma torrencial chuva impediu que continuássemos até a fronteira que momentos antes já havíamos divisado em todo o seu contorno e calculado sua distância em 20 milhas, aproximadamente

"Antes do céu se fechar inteiramente procuramos estudar todos os pormenores da região, os seus pontos culminantes e verificar a direção da fronteira

"Depois que aumentou a densidade das nuvens e já não víamos o mínimo horizonte, o aviador fez seu avião subir a 2 000 metros de altura para evitar as maiores altitudes e regressamos, levantando para jusante até a barra do rio Parima Neste ponto suspendemos o levantamento aéreo e continuamos pelo Uraricoera Ao chegarmos à foz do Aracassá subimos até sua cabeceira principal no divisor de águas, o qual foi determinado e seguimos até próximo da serra Urutani, uma das grandes elevações da cordilheira de Pacaraima

"Continuamos de regresso a Boa Vista ao longo do Uraricoera, até a linha de Maracá no limite dos campos e depois por este em rumo direto até a pista de aterrissagem onde chegamos às 16 horas

"O aspecto geral das regiões percorridas se caracteriza por zonas de campo, em geral baixo e de mata, em solo montanhoso

"Como é sabido a cidade de Boa Vista está construída à margem direita do rio Branco em terreno de campos naturais Estes se estendem em uma faixa de cerca de 50 quilômetros de largura, limitada ao sul pelo rio Mucajaí, a oeste por uma série de morros de onde saem o rio Caomé e o igarapé da Água Boa, braços do Uraricoera; ao norte por este último rio

"No rio Mucajaí, passado os campos naturais, quer de um ou de outro lado, a floresta é densa. Na margem esquerda todo o terreno é semeado de montes baixos e todos eles circundados de pequenos igarapés que serpenteiam até se lançarem no rio principal. Contrastando com o que se vê na margem esquerda, as serras, na direita, são bastante altas e seguem, formando uma extensa cadeia que alcança a fronteira, ao norte do Catrimani, próximo das nascentes do Orenoco

"Nas alturas da base de canoas, se destacam dois grandes contrafortes que se dirigem, um para o norte, limitando as águas do Parima e Uraricoera e o outro para o sul separando águas do próprio Mucajaí.

"Neste último, está um pico saliente, característico e visível de qualquer ponto da região, num raio superior a 100 quilômetros, ao qual, foi dado o nome do major ARTUR WILLIAMS por sugestão da Comissão de Limites, em homenagem aos relevantes serviços prestados por aquele aviador amigo, no reconhecimento e explorações aéreas na região setentrional do Brasil.

“Continuando para o sul das águas do Mucajá, atravessa-se a fronteira e se chega às águas do Orenoco, que correm em um grande vale com cerca de 50 quilômetros de largura e se dirigem de leste para oeste até onde a vista alcança

“Para quem observa do centro deste vale, o que somente é possível de avião, o horizonte que se descortina é extraordinariamente lindo e mostra claramente toda a linha divisória da cordilheira Parima, se estendendo, em um grande semicírculo que finda, ao norte nos últimos galhos de Parima e ao sul, nas vertentes principais do Demeni, afluente do rio Negro.

“Toda a cordilheira divisória, nesta região, é bastante alta: 1 500 metros, em média. À esquerda do rio de igual nome, e na direção norte, ergue-se a cordilheira, sobre uma grande depressão, que se limita de um lado pelas nascentes principais de um galho do Parima, que desemboca abaixo da cachoeira Purá, e do outro pelas cabeceiras dos primeiros formadores do Auaris.

“Este trecho baixo da divisória real, marca o limite geográfico das duas mais importantes cordilheiras do Brasil setentrional, de um lado a Pacaraima, cujo ponto culminante é o monte Roraima, e do outro a Parima, cuja maior elevação, se bem que ainda não esteja determinada, nos pareceu situar-se nas nascentes do rio de idêntico nome

“Nas fontes principais do rio Auaris, um grupo de serras altas, formando um grande cotovelo, marca a divisória real naquela região, continuando ao norte do Uraricoera em altitudes mais ou menos uniformes, até as serras Urutani e Piaquí

“Uma característica importante da fronteira, quer na Pacaraima ou Parima, é de cair quase que abruptamente do lado brasileiro, enquanto que do lado venezuelano o declive é mais suave

“Não encontramos campo algum nas vizinhanças dos rios que percorremos; apenas algumas serras cobertas de vegetação rasteira, conseqüência talvez de grandes queimadas, ateadas pelos índios.

“Antes de finalizar este relatório, não podemos deixar de nos referir aos habitantes de toda a região percorrida.

“Tratando-se de lugares incultos e desconhecidos, não é de admirar que em todos eles só se encontrem índios, dos quais, uma pequena parte, já teve contacto com os civilizados. No Uraricoera e Parima, as expedições Hamilton Rice e Polidoro Barbosa tiveram contacto com algumas tribos e nos rios Mucajá, Catrimani, Mapulau, Toototobi Demeni, e no braço meridional do Orenoco a Comissão de Limites teve ocasião de levar a civilização ao seio de um grande número de malocas, na sua maioria de Uaicá, até então a maior das tribos ali domiciliadas

“No trecho que se estende ao longo de todo o Mucajá encontramos uma única maloca, na qual vimos três casas e dois roçados de regular tamanho. É possível que existam outras, um pouco mais afastadas das margens do rio e que tenham escapado à nossa observação

“No Toototobi, reconhecemos a maloca dos Uaicá, vizinha do sinal, e o seu grande roçado, onde a Comissão de Limites já estivera em março de 1943.

“Outras habitações indígenas, que conhecíamos e que ficavam um pouco afastadas do sinal, não nos foi possível ver, o que vem corroborar o que dissemos a propósito dos habitantes do Mucajá. No Orenoco, sobrevoamos duas malocas, uma no galho meridional, em cujo pórtico os índios interceptaram a marcha da Comissão de Limites, em março de 1943, não deixando que seus membros penetrassem no recinto de habitação

“Aqui vimos uma única casa, e próximo, dois grandes roçados um dos quais ainda novo, certamente feito com os machados que a Comissão distribuiu entre os selvícolas, quando ali procedeu a observações astronômicas

“No galho principal do Orenoco, ao norte do primeiro, vimos mais uma maloca, porém muita pequena e o roçado, ao lado, de dimensões também reduzidas

“Em todas as malocas citadas, o avião voou baixo, porque esperávamos ver os índios e apanharmos fotografias dos mesmos, no entanto não enxergamos um único

“Acreditamos, que ao aproximar-se o avião, tenham fugido para o interior das selvas

“De todos os rios sobrevoados o Parima é o que maior quantidade de malocas possui.

“Em um galho da direita, que pelo nosso levantamento ficou provado ser o Axibi, existem diversas malocas, nas quais, a Comissão de Limites já estivera em fevereiro de 1943. Destas malocas de Uaicá, os engenheiros daquela Comissão, OSCAR TEIXEIRA, (brasileiro) HENRIQUE RIVAS ROJAS, (venezuelano), regressaram, quando exploravam o contravertente de um dos braços do Mucajáí.

“Os engenheiros citados voltaram, quando apenas uma distância aproximada de 10 quilômetros os separava do rio Parima.

“Esta oportunidade que perderam, de descobrir um dos pontos mais obscuros do Brasil, e de grande valor para a geografia de toda aquela região, vem mostrar, quanto imprescindíveis são as explorações aéreas, antecipando o reconhecimento dos rios que as Comissões de Limites têm de subir. O que foi feito com o máximo de sacrifício, por aqueles esforçados engenheiros, em vários dias de exploração, sem contudo se assenhorarem da topografia exata do terreno, o avião executou em poucos minutos trazendo finalmente resultados mais concretos e seguros.

“O fato ocorrido com os engenheiros citados, não merece censura e sim compaixão, principalmente, quando se sabe que se ignora por completo o que existe, ou está se realizando, a poucos metros de distância.

“Dois anos antes, quando exploravam o contravertente do rio Demeni, os engenheiros JOSÉ AMBRÓSIO POMBO (brasileiro) e HILÁRIO ITRIAGO, (venezuelano), ambos da Comissão de Limites, regressaram, em idênticas condições das proximidades do rio Orenoco, que até então tinha sua parte superior completamente desconhecida e cuja descoberta já havia sido o objetivo de diversos exploradores, que não chegaram entretanto a atingir suas cabeceiras, na cordilheira Parima.

“Nas nascentes do Parima, encontramos uma única maloca. No trecho intermediário, entre a fronteira e a cachoeira Purá, está concentrado o maior número de malocas de toda a região percorrida.

“Diversas habitações de feitio diferente das que até então conhecíamos, porque em lugar de circulares, são quadradas, se alinham, ao longo de um grande vale, limitado ao fundo por uma serra de vegetação rala.

“Os roçados, abertos nas fraldas da serra, mostram claramente, a capacidade de trabalho daqueles índios.

“O avião sobrevoou demoradamente estas malocas, porém como nas anteriores, não enxergamos os índios.

“Um fato curioso nos chamou a atenção nas malocas em aprêço; é que todas, são cercadas de pau a pique, e daí concluímos que aqueles índios, vivem em lutas com seus vizinhos de outras tribos, e que este meio de defesa, fôra certamente copiado dos civilizados e muito especialmente da Comissão de Limites. Esta Comissão adotou cercar seus acampamentos, para evitar a reprodução do que acontecera na base de canoas do rio Demeni, onde cinco de seus auxiliares ficaram gravemente feridos pelas flechas dos selvícolas.

“Os índios do Demeni estiveram no nosso acampamento e não é difícil acreditar-se, que dentre os mesmos, houvesse alguns das malocas do Parima.

“A magnitude dos roçados pode corroborar o nosso ponto de vista, porque fornecemos grande quantidade de terçados e machados aos nossos visitantes.

“Continuando pelo Parima vimos ainda outras malocas, a leste da cachoeira Purá, a cerca de 5 quilômetros para o interior.

“Quando a expedição Rice ali esteve em 1925, estes índios estiveram em seu acampamento, levados pelos seus companheiros já civilizados que acompanhavam aquele ilustre explorador desde as malocas do Uraricoera.

“No Auaris, encontramos uma habitação indígena, perto de sua confluência com o Parima e nas proximidades de suas cabeceiras, uma outra de maiores dimensões. Nesta, tivemos ocasião de ver alguns índios que se apresentaram vestidos, e outros com pano encarnado em forma de rabo, como os usados pelos aborígenes de outros recantos do norte do Brasil, como por exemplo, os do Paru do Oeste, os do Jari, etc.

“Em virtude daquela maloca se encontrar próximo de rios venezuelanos que são habitados por índios domesticados, os quais, já

estiveram com a Comissão Mista de Limites, por ocasião de sua subida pelos rios Guaña e Emecuni, afluentes do Caura, da bacia do Orenoco, acreditamos que seus vestuários foram obtidos dos membros daquela Comissão

“De volta, sobrevoamos ainda, duas outras malocas; uma no Aracassa e outra um pouco abaixo de sua foz, no Uraricoera. Os índios desta última, apesar do avião ter voado muito baixo, não se amedrontaram e se conservaram nos olhando até nos afastarmos.

“Pelo que viemos saber, mais tarde, alguns destes selvícolas já visitaram Boa Vista, levados pelos Macuxi dos campos adjacentes ao paraná da ilha de Maracá.

---

“A 10 de dezembro quando já havíamos completado com sucesso os vôos previamente estudados resolvemos regressar para Atkinson.

“Durante a viagem, o aviador desviou-se de sua rota para apanharmos várias fotografias da mais alta cachoeira da Guiana Britânica, situada no rio Potaro, afluente da margem esquerda do Essequibo. Prosseguindo, chegamos a Atkinson às 15 horas.

“Nesta base permanecemos três dias, organizando os croquis dos levantamentos aéreos, e a 14 tomamos o avião para Belém, eu e o capitão Miccio, onde chegamos às 13 horas. A viagem do capitão Miccio fôra empreendida, a fim de acompanhar a confecção dos desenhos definitivos, dos croquis que trazíamos, no escritório da Comissão de Limites, e também colher dados mais concretos sobre as diversas expedições que tentaram atingir as cabeceiras dos rios Parima, Auaris e Orenoco, em anos anteriores.

---

“São estas as informações que me cumpre dar a Vossa Senhoria, sobre os vôos de exploração realizados na bacia dos rios Branco e Orenoco, em novembro e dezembro de 1943.

“É com a máxima satisfação que destacamos a importância desses trabalhos executados por iniciativa do major ARTUR WILLIAMS, com a nossa assistência, e a amável tratamento que este nos dispensou, contribuindo assim, para o conhecimento de uma das mais interessantes regiões do norte do Brasil.

“Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Senhoria os protestos da minha respeitosa consideração”.

O mistério das cabeceiras do Orenoco tinha perdido sua razão de ser. Procuradas há dois séculos, com os trabalhos dos demarcadores brasileiros e venezuelanos das duas comissões de limites, como vimos nas linhas deste artigo de mero intuito divulgatório, eram agora uma realidade magnífica. A colaboração dos aviadores norte-americanos fôra preciosa. Com ela, aquêles pontos anteriormente registrados ficavam definitivamente assegurados como partes integrantes do sistema de águas formadoras do Orenoco.